

Sistemas de condução para os novos pomares de cerejeira

Maria de Lurdes Carvalho *

Um passo extremamente importante na vida de um fruticultor e do seu pomar é a escolha do sistema de condução a adoptar. Esta decisão não é fácil e envolve uma série de parâmetros interdependentes, como por exemplo o simbionte plantado, os seus hábitos de vegetação e de frutificação que, independentemente de serem genericamente idênticos para toda a espécie, variam fortemente com a conjugação cultivar/porta-enxerto, ou ainda com aspectos culturais a considerar, caso por exemplo da necessidade de cobertura do pomar contra o rachamento fisiológico da cerejeira. Para não falar da técnica de colheita a utilizar e respectivos auxiliares de colheita. Estes são alguns dos muitos aspectos culturais limitantes na escolha do sistema de condução mais adequado a cada situação a considerar.

Podemos dividir este conjunto de parâmetros em dois grandes grupos, um relacionado com **as exigências fisiológicas da cerejeira** e outro que engloba **as imposições culturais**.

Começaria assim pelo primeiro grande grupo de condicionantes, as de **natureza fisiológica** e, dentro deste, pela relação existente entre a escolha do sistema de condução e o **simbionte**. Face à vasta gama de cultivares e porta-enxertos hoje disponíveis para implantação, podemos ter a percepção da dificuldade de generalização da forma de condução do pomar. É completamente distinto conduzir uma 'B. Burlat' enxertada em *P. avium* ou uma 'Stark Hardy Giant' enxertada em Edabriz.

A variação apresentada nos **hábitos de vegetação e frutificação** destes dois simbiontes mencionados é enorme. Enquanto o primeiro apresenta uma marcada acrotonia (dominância do gomo apical), mais evidente nos primeiros anos de vida da árvore (correspondentes à fase juvenil), o segundo simbionte apresenta uma nítida precocidade na entrada em frutificação e uma tendência para ângulos de inserção das pernadas bastante abertos e curvatura dos ramos. Será assim de esperar que o eixo vertical ou estruturado se adapte bem no primeiro caso ('B. Burlat' s/ *P. avium*), possivelmente com necessidade de recurso à curvatura dos ramos, enquanto no segundo caso ('Stark Hardy Giant' s/ Edabriz), será de pensar num Solaxe ou num vaso múltiplo (Multibranche), com a atadura dos ramos.

Ao desconhecimento a nível mundial e nacional do comportamento de muitas das novas cultivares lançadas no mercado e que se encontram em fase de experimentação na maioria dos países produtores (França, Itália, E. U. A., Canadá, Suíça, etc.), junta-se o facto deste comportamento ser também função do porta-enxerto e da situação edafo-climática envolvente.

Outro aspecto, hoje fundamental nesta espécie, é o **calibre da cerejeira**. Até ao aparecimento das novas variedades de grande calibre (entre 24 e 30mm de diâmetro), como a 'Summit', 'Sunburst', 'Lapins' entre outras, e como as normas de qualidade para a cerejeira só distinguem entre 18mm, refugo e acima de 22 mm,

qualidade extra, pouca importância era atribuída ao peso máximo atingível por este fruto. A valorização crescente deste parâmetro e o estudo mais aprofundado sobre esta espécie conduziu recentemente à descoberta que a aplicação dos conceitos fisiológicos utilizados noutras espécies fruteiras são válidos para a cerejeira. Assim a relação entre o número de frutos e o calibre destes é inversamente proporcional, sendo a produção total afectada em situações extremas, pequeno número de frutos ou frutos de pequeno calibre. Para não falar da produção em termos qualitativos e económicos.

E quais os aspectos fisiológicos que afectam o número de frutos vingados e o calibre da cereja?

Se ignorarmos a produtividade inerente a cada cultivar, que lhe é conferida pela herança genética, resta-nos o efeito do porta-enxerto, que sendo mais ou menos vigoroso, influencia a capacidade de síntese de fotoassimilados e o número de cerejas vingadas. A polinização e a fecundação são dois elementos chave neste processo e considerados hoje em dia pelos fruticultores como básicos na correcta condução do pomar de cerejeira. Fundamentalmente e aliada à prática do regadio salienta-se **a necessidade de poda**.

Talvez por nunca ter sido estabelecida a relação entre esta técnica cultural e o calibre das cerejas, (até porque o esporão, órgão de frutificação por excelência, tem uma longevidade que pode atingir os 10 a 15 anos, o que levava a pensar não necessitar de substituição!) foi uma operação só praticada nalgumas regiões em que a tradição de produção de cereja está associada à vinha, como o Sul de França (Vale do Rhône e Carpentières) ou o Norte de Itália (Emilia-Romania), sendo até evitada noutras, como Portugal, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, entre outras, pela sua estreita relação com a ocorrência de cancro bacteriano (*Pseudomonas* spp.). Efectivamente pela abertura de cortes de difícil cicatrização e pela segregação de grande quantidade de “gomose” a que esta espécie é atreita, a penetração destes microorganismos pode aumentar. Contudo este problema pode ser facilmente ultrapassado através da execução desta operação em épocas mais adequadas ao tipo de cortes a efectuar.

Quando hoje utilizamos porta-enxertos como o Tabel-Edabriz, cujo efeito ananicante nalgumas cultivares conduz a uma diferenciação floral e a uma frutificação tão exagerada, que leva a que não seja aconselhado como porta-enxerto dessas cultivares, seria impraticável não efectuar poda como meio de incentivar o crescimento vegetativo, a ramificação, a substituição dos órgãos de frutificação e regularizar a produção em termos quantitativos e qualitativos (calibre). Operações como a poda em verde, para supressão e renovação de pernadas; a desponta para promover a ramificação (pela supressão do gomo apical antes do final da fase de crescimento vegetativo primaveril) ou para promover a diferenciação dos gomos (a supressão do gomo apical possibilita a disponibilização de fotoassimilados e hormonas para a diferenciação dos gomos da base e terço médio dos ramos após o

final desta mesma fase de crescimento vegetativo); a desramação para abertura da copa promovendo a entrada de luz e o arejamento, eliminando os ramos ladrões, incentiva nova ramificação e diferenciação de gomos e órgãos de frutificação, em função da época em que é realizada e do simbionte em que é praticada. Aliás, abordando o outro grande grupo de factores a atender na escolha do sistema de condução, **as imposições de ordem cultural**, podemos de imediato ver a estreita relação existente entre a **tecnologia de colheita** e a poda.

Sabendo que a operação mais cara realizada num pomar de cerejeiras é, sem dúvida, a colheita, devido à natureza do fruto, de pequenas dimensões, extremamente sensível ao manuseamento, de maturação escalonada, que necessita ser colhido com o pedúnculo sem contudo danificar o esporão, mas também devido à estatura elevada que a cerejeira em forma livre pode atingir, 3 e 4 metros de altura quando em franco ou enxertada em bravo, facilmente percebemos esta relação entre a poda e a colheita e entendemos também a razão da busca de um porta-enxerto que nos facilite este equilíbrio estatura/produção/exequibilidade económica do pomar.

Por outro lado, o delineamento da técnica de colheita, que pode incluir ou não a presença de material auxiliar de colheita, como escadotes, escadas, plataformas ou outras, condiciona à partida a escolha do sistema de condução. Basicamente **a opção entre um pomar-peão ou pedonal, ou semi-peão ou semi-pedonal e um pomar tradicional** com recurso a vários auxiliares de colheita é o primeiro passo deste processo.

A primeira opção exige o recurso a porta-enxertos ananicientes ou semi-ananicientes, a cultivares “spur” de grande produtividade e fraco vigor vegetativo, à aramação, à fertirrigação, à utilização de técnicas complementares como empas (curvaturas, incisão anelar), ao conhecimento e à constante actualização técnica do fruticultor. Enfim uma verdadeira panóplia de tecnologias de ponta! Claro que depois disto tudo o mínimo será ter uma protecção anti-chuva para evitar o rachamento fisiológico da cereja.

Este é precisamente outro parâmetro a considerar. Considerado como o melhor e talvez único método de combate eficaz no rachamento da cereja é limitante quanto ao sistema de condução a utilizar. A estatura da cerejeira, quer em altura quer em largura (diâmetro), condicionam a possibilidade de utilizar a **cobertura do pomar**. Não podemos pensar nas cerejeiras de Alcongosta em que a altura atinge 3 e 4 metros! Porque não será o declive do terreno, que obriga à plantação em socacos, o factor limitante à não cobertura das árvores, mas sim a excessiva altura destas em busca da luz que a competição entre elas lhes nega.

A segunda opção possível é de um pomar tradicional, em que a condução da cerejeira assegura uma produção unitária, elevada, em princípio capaz de compensar a menor densidade. Mas terá de compensar ainda as vantagens das novas tecnologias. Uma maior facilitação

dade de colheita leva a produto de melhor qualidade garante o acesso à exportação da cereja permitindo alargar o mercado a explorar e ganhando terreno aos nossos potenciais competidores (Espanhóis, Gregos e Italianos). Este pomar tradicional, menos competitivo, poderá ser de considerar nas zonas de maior altitude e, eventualmente, em cultivares regionais menos estudadas e onde os novos porta-enxertos apresentem problemas de incompatibilidade (no caso da cv.'de Saco' já existem pomares na 3ª folha enxertada em Tabel-Edabriz e em Maxma 14 Brokforest, não apresentando até agora sintomas de incompatibilidade).

Claro que dentro das imposições culturais se encontra a rega, não por esta ser em si um factor limitante, tanto mais que é aceite universalmente que a fruticultura é uma ciência de regadio, mas sim quanto ao sistema utilizado, rega localizada ou por alagamento, que poderá ser condicionante.

E quais são **os sistemas de condução** que melhor se adaptam às características até agora referidas?

Pela sua antiguidade de utilização temos os sistemas que podemos considerar **tradicionalis**, que já provaram as vantagens e fizeram ressaltar os inconvenientes.

O **vaso**, nas suas diferentes vertentes (clássico, fechado, aberto, alongado) muito em função da zona de cultivo e que resultou um pouco da adaptação a esta espécie da experiência com outras espécies fruteiras cultivadas na região.

É uma forma que se adapta bem aos hábitos de vegetação da maioria das cultivares existentes, à sua tendência natural para a formação de troncos múltiplos no primeiro ano de formação (devido aos verticilos) e que bem aproveitados podem resultar numa árvore equilibrada. Os diferentes tipos de vaso variam essencialmente quanto à altura das pernadas principais, à sua ramificação e no ângulo de inserção das mesmas.

O **eixo estruturado ou vertical**, forma estudada para a macieira, mas que rapidamente foi aplicada a outras espécies fruteiras. O resultado deste último depende muito do simbionte em questão, da sua acrotonia, do tipo de solo (muito fértil normalmente traz problemas de excesso de vigor vegetativo), mas normalmente conduz a situações de altura excessiva, presença de pernadas de elevado comprimento sem ramificações secundárias, a um atraso na diferenciação dos órgãos de frutificação e da entrada em produção, à dificuldade de colheita com necessidade de recurso a auxiliares de colheita e ainda à necessidade de recurso a técnicas complementares de controlo do vigor da árvore, por exemplo, arqueamento dos ramos e pernadas).

O "**Tatura Trellis**" é um sistema com fraca implantação entre nós e entre os produtores franceses, mas com algum significado entre espanhóis, italianos e alguns países de Leste, como a Jugoslávia e a Polónia. Não é mais do que o correspondente ao "**Ypselon**" do pessegueiro e fisiologicamente é baseado na inclinação

das pernadas num ângulo que favorece o equilíbrio entre a ramificação e a diferenciação de esporões. O seu princípio é idêntico ao da **palmeta**, sistema que aliás também é utilizado por alguns produtores em Espanha, França e Itália. Permitem uma boa exposição e arejamento, facilidade na colheita e na realização de tratamentos fitossanitários e um bom controlo do vigor e do equilíbrio da cerejeira. São contudo métodos que exigem muita mão-de-obra nos primeiros anos de formação da árvore.

Em relação ao que podemos considerar os **novos sistemas de condução** temos basicamente dois, em que um deles não se pode considerar propriamente novo mas sim uma evolução no tipo de intervenção praticada no vaso tradicional.

O **vaso múltiplo** ou "multibranche", como o nome indica, é um vaso com múltiplas pernadas, situação algo difícil de obter na maioria das cultivares de cerejeira mesmo quando enxertadas nos novos porta-enxertos mais ananizantes. Devido à já referida dominância do gomo terminal de cada ramo sobre os gomos foliares localizados no terço basal e médio, a obtenção de raminhos em cada ano fica reduzida aos verticilos terminais obtidos a partir da evolução dos gomos foliares da roseta terminal. Assim, contribuem para o alongamento dos ramos e para o seu desguarnecimento, cessando este crescimento quando ocorre a diferenciação dos esporões ao longo dos ramos.

Além dos problemas já mencionados, estes verticilos e a sua incorrecta poda levam a uma deficiente estrutura da cerejeira triplicando o número de pernadas nos primeiros anos e caso se faça a sua total supressão, a completa hipótese de alguma ramificação. Como fazer então? Deverá ser mantido o central para assegurar o prolongamento do ramo sendo os outros dois em posição lateral a este, atarracados a três ou quatro gomos (dois terços do tamanho) para assegurar a emissão de novos raminhos. Mas o mais importante é saber quando actuar em cada simbionte. Ou seja, a diferença na resposta entre cultivares é grande e variável ainda com a idade da cerejeira.

Actualmente, muito actual mesmo (início de 1999), foi criado em França um grupo de técnicos, investigadores e produtores, que tem como objectivo estudar o sistema de condução que satisfaça as necessidades desta espécie nas suas diferentes vertentes: produção em quantidade e qualidade e com regularidade. Nesta primeira fase de arranque está já a ser estudado o **Solaxe** como alternativa ao eixo e ao vaso, recorrendo nalgumas cultivares ao arqueamento das pernadas e ainda o estudo pormenorizado da aplicação da extinção artificial de esporões como forma de regularizar a produção, melhorar a qualidade da cereja, em especial o calibre, tal como para a macieira.

* Professor Adjunto do Sector de Fruticultura do Departamento de Fitotecnia da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco.